



1233



1897



1920



1927



1940



Emblemas emitidos entre os anos 40 e 90

O emblema da cidade de Lisboa e a identidade municipal

A imagem municipal é um elemento de pertença e de identificação dos cidadãos à cidade. A sua simbologia deve ser clara, precisa e estável, de forma a que a população reconheça sempre a mesma entidade.

Muitos emblemas municipais reflectem os feitos mais importantes do passado e da história das cidades, como marcas de identidade local e como afirmação do poder autárquico. Também o emblema de Lisboa, apresentando como símbolos uma nau com dois corvos, remonta à época de D. Afonso Henriques e tem raízes profundas na lenda de S. Vicente.

Conta a lenda que no ano de 304, Vicente, diácono do bispo de Saragosa foi martirizado e lançado ao mar por ordem de um perfeito romano, de nome Daciano sendo recolhido por alguns cristãos que lhe deram uma sepultura em Valência. Com a invasão árabe e as contínuas perseguições aos cristãos, colocaram o corpo do santo numa barca e vieram aportar ao antigo Promontório Sacro, ao Cabo de S. Vicente onde edificaram uma ermida para repousarem os restos do mártir. Chegando ao conhecimento de D. Afonso Henriques a história de S. Vicente, tomou este a iniciativa de mandar buscar o corpo do santo. Na barca com os despojos do mártir, dois corvos poisaram um à proa e outro à popa acompanhando-os durante toda a viagem até Lisboa, onde chegaram em 1176, ficando as relíquias depositadas na Sé⁽¹⁾.

A primeira representação da simbologia olisiponense surge num selo pendente em lacre de 1233, que apresenta uma nau de velas enfunadas, em pleno mar, equilibrando, nos extremos, dois corvos⁽²⁾. Na heráldica lapidar, o exemplo mais antigo que se conhece

data de 1336 e encontra-se no Chafariz de Andaluz. Ainda hoje podemos olhar para a sua composição simbólica: «mostra a nave ou barca de extremos recurvados, sobre cada um dos quais assenta um corvo, e tem um único mastro de vela carregada na verga⁽³⁾. Este primeiro período de representações heráldicas é relativamente estável na apresentação dos símbolos da cidade, mas, na sequência dos séculos, e essencialmente a partir do séc. XVI, a iconografia olisiponense foi sempre inconstante, não favorecendo a criação de uma identidade precisa e reconhecível.

As imagens são reveladoras desta realidade: desde a nau dos descobrimentos, à embarcação romana do brasão de 1920, passando pelo galeão manuelino, todo o tipo de representações era possível. A posição e número de corvos também foi variando.

Em 1940, como consequência da reforma brasonária autárquica, o brasão da cidade fica sistematizado como uma estilização das linhas gerais de um barco e não como um tipo de construção naval de acordo com o desejo de cada época.

Ficando desta forma representado o brasão de Lisboa, coexistem uma variedade sem limite de emblemas, comunicando uma imagem sem estabilidade e continuidade, prejudicando o entendimento da identidade da cidade.

Receando a diversidade emblemática da cidade, em 1992 a CML adopta uma nova imagem, excluindo a utilização de qualquer outra. Mas, também esta imagem foi efémera. Em 1996 o município emite um novo emblema que, tal como o anterior, teve um período de vida muito limitado sendo substituído em 2002 pela actual imagem municipal.

Perante esta inconstância, o cidadão estranha a identidade do município. No actual emblema de Lisboa, se não há elementos significativos, se não reconhecemos os símbolos identificativos vicentinos, como “ver” a substituição?

PROPOSTA PARA O PERFIL DE UMA NOVA IMAGEM DA CIDADE DE LISBOA

Do estudo efectuado sobre as imagens municipais⁽⁴⁾, decorre a formulação de três critérios cuja aplicação se julga eficaz para conseguir os fins desejáveis para uma imagem coordenada municipal: um critério funcional, um critério histórico e um critério técnico.

CRITÉRIO FUNCIONAL

As empresas, públicas ou privadas, lutam pela afirmação de uma presença num mercado duramente concorrencial, e têm por isso de buscar permanentemente formas de



1992



1996



2002

visibilidade cada vez mais competitivas no plano visual. Mas um município não está no mercado. A sua imagem deve ser “securizante” e representativa de valores colectivos e intemporais com os quais a comunidade se identifique e sinta como seus.

A imagem coordenada da cidade de Lisboa representada pelo seu município, não deve entrar em concorrência com as da esfera empresarial, e sim assumir um carácter próprio, institucional e estável.

CRITÉRIO HISTÓRICO

Lisboa, como cidade, contém uma colossal carga histórica e afectiva, gerada e acrescentada ao longo de séculos. Ao longo de vicissitudes, conflitos e regimes, constitui uma permanência.

A reformulação da emblemática da cidade de Lisboa deve reencontrar a pureza essencial da figuração tradicional, com exclusão de corruptelas, introdução de elementos novos ou inovações temáticas, sem prejuízo da modernidade da sua realização plástica.

CRITÉRIO TÉCNICO

Dada a variedade de situações de aplicação da heráldica municipal, uma correcta realização da imagem coordenada nos seus aspectos plásticos exige uma abordagem profissionalizada e um perfeito domínio dos problemas técnicos envolvidos.

A realização deve obedecer a todas as exigências técnicas que são normais nas situações semelhantes no mundo empresarial, mas salvaguardando os valores definidos pelos critérios, funcional e histórico, atrás mencionados. 

Referências bibliográficas

(1) BOTURÃO, J. O. (1962 -1968) – «São Vicente – O Padroeiro da Cidade de Lisboa», in *Revista Municipal*, 95, (1962), pp. 11-24; 98, (1963), pp. 51-86; 101/102, (1964), pp.16-44; 108/109, (1966), pp. 67-74; 110 / 111, (1966), pp. 31-40; 114 / 115, (1967),

pp. 7-19; 116 / 117, (1968), pp. 21-32; 188 / 119, (1969), pp. 23-38.

(2) DIAS, Jaime Lopes, *Brasão de armas, Selo e bandeira da Cidade e Município de Lisboa*, Lisboa, CML, 1960

(3) MACEDO, Luís Pastor et al., *Casas da Câmara de Lisboa (do Século XII à Actualidade)*, Lisboa, CML, 1951, p. 182

(4) *Desenvolvimentos em:* FRAGOSO, Margarida

Ambrósio, *O Emblema da Cidade de Lisboa. Suporte Comunicacional da Identidade Municipal, Lisboa, Livros Horizonte, 2002*

MARGARIDA AMBRÓSIO FRAGOSO,
Designer e Investigadora.

PUB